

Jornal da Unicamp

Unicamp avalia TV Escola e outros programas do MEC



Equipe do NEPP que coordena pesquisa para o MEC: avaliação de três programas prioritários

Por solicitação do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp está coordenando uma pesquisa que vai avaliar três programas prioritários na área da educação no país: o TV Escola, o Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental ("Dinheiro na Escola") e o Programa Nacional de Alimentação Escolar ("Merenda Escolar"). O objetivo é identificar as diferenças regionais e avaliar sua influência na receptividade e no andamento dos projetos em

cada Estado. Por meio de questionários elaborados pelo NEPP e respondidos por diretores de escolas municipais e estaduais, os pesquisadores da Unicamp constataram, por exemplo, que entre as escolas urbanas que já receberam e instalaram o kit da TV Escola — antena receptora, televisor e videocassete —, 61% gravam e usam os programas divulgados. As demais ainda esbarram em dificuldades técnicas ou em resistências a seu uso, problemas que o Ministério, a partir do levantamento do NEPP, tentará resolver. **Página 3**

BIOMATERIAIS

Polímero ganha nova aplicação

Membrana porosa e flexível pode ser utilizada como suporte para fixação e crescimento celular

Normalmente utilizadas na área médica para separar tecidos moles de tecidos ósseos, membranas bioabsorvíveis agora poderão servir também como suporte para fixação e crescimento celular. Um trabalho multidisciplinar desenvolvido na Unicamp mostrou que membranas com adição de plastificantes podem favorecer a recuperação de tecidos moles devido à sua estrutura porosa e flexível.

Facilmente absorvida e eliminada pelo organismo humano, a membrana vem sendo utilizada em alguns países para recuperação guiada de tecido. Quando um osso é fraturado, por exemplo, os tecidos moles acabam invadindo o tecido ósseo fraturado prejudicando sua recuperação.

Para evitar que isso ocorra, os periodontistas costumam preencher o local lesado com hidroxiapatita — a espécie de pó que simula o tecido ósseo — e em seguida recobrem a região com a membrana de poli-ácido láctico que funciona como uma divisória entre o osso e os tecidos moles.

Integrante da equipe multidisciplinar da Unicamp — coordenada pela professora Cecília A. C. Zabaglia — que procura novos materiais para aplicação na área médica, o engenheiro mecânico Rubens Monteiro Luciano desenvolveu uma técnica para produção da membrana que permite controlar o nível de flexibilidade e o tempo de degradação do material.

Os resultados do trabalho de Rubens estão na dissertação de

mestrado "Síntese, caracterização e degradação de membranas de Poli (Ácido Láctico), um polímero bioabsorvível", orientado pela professora Eliana Aparecida Rezende Duek, do Departamento de Engenharia de Materiais da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp.

Técnica simples — Na área médica, a utilização de membranas e pinos feitos à base de polímeros de ácido láctico é comum na Europa. "Quando iniciei a pesquisa, meu objetivo era tentar encontrar uma técnica simples e barata capaz de alterar as propriedades mecânicas e químicas das membranas bioabsorvíveis, tornando-as úteis para outras aplicações além daquelas já conhecidas", afirma o engenheiro.

Os testes realizados em ratos, sob a coordenação da professora Maria do Carmo Alberto Rincon, do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp, mostraram que Rubens atingiu seu objetivo. Utilizando uma técnica conhecida como *casting* — ou dissolução de polímero em solvente — o engenheiro obteve uma membrana mais flexível e porosa que apresenta um comportamento muito próximo ao da pele humana.

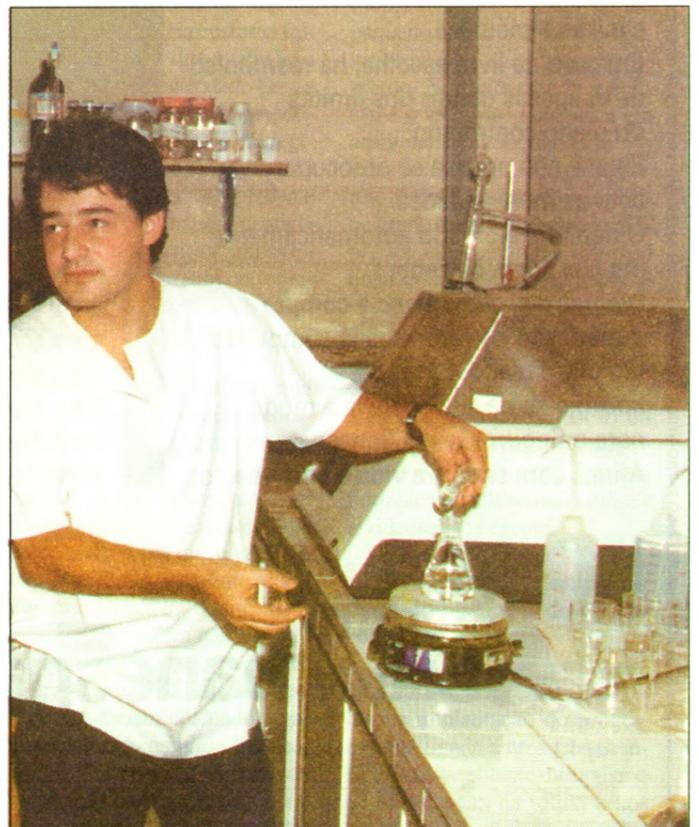
Ao ser colocada sobre um ferimento, essa membrana acompanha a movimentação de tecidos moles e mantém a estrutura até que as células consigam invadi-la completamente e, enfim, destruí-la. Conforme comprovou o estudo com seres vivos, em 15 dias a membrana já está fixada

ao tecido, reconstituindo o local lesado. Depois de cumprir seu papel, a membrana se degrada, transforma-se em gás carbônico e água, sendo eliminada pelo próprio organismo através das fezes, urina e respiração.

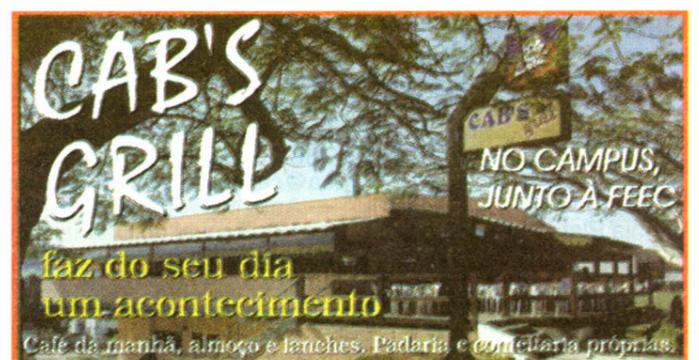
Aplicação — A utilização de polímeros de ácido láctico na área médica começou nos Estados Unidos na década de 60. Até então, os polímeros nunca mereceram atenção especial dos pesquisadores porque se degradavam em contato com a água. Portanto, não ofereciam uma aplicação interessante para a indústria. Porém, por volta de 1966, pesquisadores norte-americanos perceberam que, a partir de moléculas de ácido láctico — uma substância presente no corpo humano — poderiam criar um polímero não-tóxico, degradável e facilmente metabolizado pelo organismo.

A partir daí, os pinos metálicos usados em fraturas ósseas começaram a ser substituídos por pinos feitos à base de polímeros de ácido láctico. As vantagens são muitas. Como os pinos se degradam no organismo, não é necessário realizar uma segunda cirurgia para retirada do material como acontecia com os pinos metálicos.

"Além disso, o pino metálico não é elástico como o osso e por isso impede a compressão dos tecidos e seu tracionamento. Assim, em alguns casos, os tecidos ósseos se atrofiam e no momento da retirada do pino metálico, existe a possibilidade de o osso quebrar-se novamente", alerta Rubens. (M.T.S.)



Rubens: estudo mostra técnica simples, barata e eficaz



ARTIGO

A pesquisa em arte

Sylvia M. Allende Serra

Citando Millôr Fernandes, podemos afirmar que assim como não se intui um cálculo matemático, não se calcula uma intuição.

Sempre fui seduzida pela idéia de que a intuição é uma aliada próxima da inspiração e que está para a criação artística como a dedução lógica está para um cientista. Acredito, entretanto, que a própria fluidez do livre pensar no argumento lógico compartilha da mesma inspiração que permite aos artistas, assim como aos cientistas, a criação do novo, que surpreende a todos. Por isso, quando a questão é discutir o que diferencia a pesquisa artística da pesquisa científica, como o venho fazendo com os alunos do Instituto de Artes no curso Metodologia de Pesquisa, acabamos identificando os aspectos gerais da personalidade criativa,

vindo a ser tão parecidos uns e outros que apelamos para diferenciações semânticas na descrição do processo criativo, o que, de maneira alguma, ajuda a definir uma identidade própria como pesquisadores.

Vejamos, por um lado queremos acreditar que os cientistas cartesianos desenvolvem métodos aprimorados para chegar a resultados que conferem validade ou refutação a uma hipótese previamente concebida. Para tanto, valem-se do pensamento linear ou de uma seqüência dedutiva de raciocínio, ficando o ato criativo do pesquisador contido no primeiro momento do enunciado da hipótese. Por outro lado, sublinhamos que o instrumento de trabalho do artista, mais do que os elementos envolvidos ou a técnica, é sua imaginação criativa ancorada no pensamento divergente e que este estado o acompanha até o fim da obra.

Sem podermos negar que o cientista faz uso de sua imaginação criativa, somos atrapalhados pela falácia do primei-

ro argumento, mantendo-nos ancorados no ponto de partida da polêmica: somos ou não donos da intuição. Chegamos até a questionar a validade da questão levantada, mas, ao surgirem novas dúvidas que ampliam o questionamento, conseguimos manter viva a necessidade, se não de uma definição, ao menos de uma discussão a respeito das diferenças entre a pesquisa artística e a pesquisa científica.

Como dizia Einstein:

"A mera formulação de um problema é, de longe, mais essencial do que sua solução, a qual pode ser apenas questão de habilidades matemáticas ou experimentais. Levantar novas questões, novas possibilidades e olhar velhos problemas desde um novo ângulo requerem imaginação criativa e marcam verdadeiros avanços na ciência".

No âmbito da Universidade, do Instituto de Artes e especialmente da pós-graduação, esta é uma questão já levantada em 1994 na forma de tema de redação para os aspirantes ao mestrado em Artes. Embora não seja um "problema" novo, precisa ser olhado desde um ângulo novo, para debatê-lo e confrontá-lo com a forma de pesquisa que já vem se desenvolvendo numa Universidade onde há tradição de pesquisa científica e que, recentemente, está convivendo com um contingente cada vez maior de pesquisadores artistas.

Certamente percebemos na nossa discussão a falta de criatividade ao querer chegar direto a uma definição ou a falta de sabedoria ao nos apressarmos em concluir que quem deseja fazer pesquisa em arte deveria partir de parâmetros que integrem o rigor dos cientistas cartesianos com a criatividade intuitiva do artista. Talvez estejamos tropeçando com o óbvio e o pesquisador artista, em termos de processo, não seja tão diferenciado assim, na prática de sua criatividade, do pesquisador cientista.

Não podemos desconhecer que alguns dos maiores cientistas contemporâneos como Albert Hirschman, economista e cientista social; Clifford Geertz, antropólogo; e Thomas Kuhn, físico, conferem à intuição um papel que os aproxima muito do que imaginamos ser um pesquisador artista, aquele que cria utilizando-se do pensamento não linear, flexível e multifocado no processo, antes da verifi-



cação final que avalia a resolução da obra. Isto difere do pensamento linear, principalmente no estilo de aproximação ao objetivo desejado, próprio do pensamento cartesiano.

Entretanto, o racionalismo crítico nos confronta com a incerteza que envolve qualquer verificação das conclusões a que chegamos. Provisoriamente, podemos apenas dizer que pesquisador é pesquisador e, como tal, está sujeito às mesmas

leis da incerteza de quem se dirige de peito aberto ao desconhecido. Pesquisador — artista ou cientista — precisa ser audaz, resignado e tolerante. Audaz para arriscar uma hipótese ou dar liberdade à inspiração; resignado para ser refutado ou descobrir que outro já foi genial na sua frente; e tolerante para aceitar o trabalho árduo ou dar todos os passos que lhe garantam ir até o fim.

Para terminar, tem sido proveitoso observarmos, desde nossa perspectiva de artistas em atividade acadêmica, a produção como pesquisadores do Instituto de Artes, pois vem dando profundidade a esta discussão, não apenas entre os alunos do curso Metodologia de Pesquisa, mas também entre os professores/pesquisadores do próprio Instituto de Artes, permitindo ampliar a discussão nas diversas áreas.

Nós, professores, orientadores, temos ainda o privilégio de ter acesso direto às experiências de pesquisa artística em andamento. Esta aproximação, tanto da pesquisa de corte teórico (ainda que ancorada no trabalho prático do fazer artístico), como da pesquisa essencialmente artística (ainda que embasada na reflexão teórica), conduzirá a enfocar o processo criativo desde uma perspectiva em que poderemos ir identificando as peculiaridades da pesquisa artística.

Estamos, assim, frente a uma questão aberta que exige muita discussão interna — como cada um de nós desenvolve sua pesquisa —, antes de olhar em volta e discutir a questão com a comunidade de pesquisadores de outras áreas. Talvez seja o caminho adequado para fortalecer nossa identidade dentro do conjunto da Universidade.

Sylvia M. Allende Serra é professora do Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes da Unicamp

O BANESPA TAMBÉM CUIDA DA SUA SAÚDE.

Através do Seguro Saúde Banespa, você tem à disposição uma ampla rede credenciada, composta pelos melhores hospitais, laboratórios, clínicas e médicos.

Em caso de livre escolha, há reembolso de despesas dentro dos limites do plano contratado.

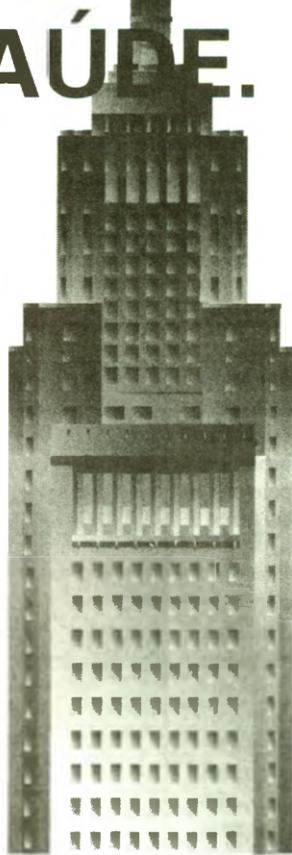
E você não precisa se preocupar com as mensalidades.

O débito é efetuado automaticamente em sua conta corrente.

Além disso, estudamos a compra ou redução de carências já cumpridas em outro plano de saúde.

Informe-se na sua agência e mude para o Seguro Saúde Banespa.

Afinal, com saúde, a vida é bem melhor.



Seguro
Saúde **banespa**

ANÚNCIO PERMUTA PELO PATROCÍNIO DAS ATIVIDADES COMEMORATIVAS DOS 30 ANOS DA UNICAMP

**O Centro de
compras de
Barão
Flamboyant Geraldo !**

cd's - cd-rom's - papelaria - esotéricos - importados - esportivos - perfumes
tratamento de pés - confecções - café - turismo - seguros. À SUA ESCOLHA!

AV. Albino J.B. de Oliveira, 830 - BARÃO GERALDO

UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

Reitor — José Martins Filho. Vice-reitor — André Maria Pompeu Villalobos. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários — Archimedes Perez Filho. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — José Tadeu Jorge. Pró-reitor de Pesquisa — Carlos Henrique de Brito Cruz. Pró-reitor de Graduação — José Tomaz Vieira Pereira. Pró-reitor de Pós-Graduação — Carlos Alfredo Joly.

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (019) 788-7865, 788-7183, 788-8404. Fax (019) 239-3848. Home-page — <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail — imprensa@cesar.unicamp.br. Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519). Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglionne (MTb 13.837), Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir

Antônia Platano Peinado (MTb 16.413), Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473) e Roberto Costa (MTb 13.751). Colaboradores: Paulo César do Nascimento (MTb 14.812), Maristela Tesseroli Sano (MTb 22.135) e Maria do Carmo Pagani (MTb 17.631). Fotografia — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). Projeto Gráfico — Amarildo Carnicel. Ilustração — Oséas de Magalhães. Diagramação — Roberto Costa e Dário Mendes Crispim. Editoração Eletrônica — Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. Serviços Técnicos — Clara Eli de Mello, Dulcinéia Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida e Sônia Regina T.T. Pais. Fotolito e Impressão: IMESP.

Jornal da Unicamp

EDUCAÇÃO

Unicamp avalia projetos do MEC

NEPP coordena pesquisa sobre os programas TV Escola, Merenda Escolar e Dinheiro na Escola

O projeto TV Escola do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), implantado em 1996 com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e reciclar os 700 mil professores da rede pública, submeteu-se à primeira prova. Por solicitação do próprio ministério, o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp está coordenando uma pesquisa que avaliará, além do Projeto TV Escola, outros dois programas federais relacionados ao ensino público — o Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e o Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Iniciada em janeiro de 97 e com prazo de encerramento previsto para dezembro deste ano, a pesquisa "Avaliação da descentralização de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da merenda escolar" já tem os primeiros resultados em relação ao Projeto TV Escola, parte integrante de um programa maior de apoio tecnológico às escolas públicas.

Por meio de questionários elaborados pelo NEPP e respondidos por diretores de escolas urbanas municipais e estaduais de todo o Brasil, os pesquisadores da Unicamp constataram que, entre as escolas urbanas que já receberam e instalaram o "kit", 61% gravam e usam os programas divulgados. É verdade que 32,5 mil escolas urbanas — ou 78% do total — possuem o equipamento. Porém se excluídas aquelas em que o kit não está operando, cerca de 39% demonstram dificuldades ou resistência a seu uso. De acordo com a pesquisa do Nepp/Unicamp, vários fatores podem explicar tal situação, entre eles a ausência de treinamento e pouca capacitação dos professores, falta de tempo dos docentes e até mesmo o medo de operar equipamentos eletrônicos.

Diferenças regionais — O professor José Roberto Rus Perez, um dos coordenadores da pesquisa, explica que além de acompanhar a implementação e o desenvolvimento dos três programas propostos pelo MEC, o trabalho coordenado pelo NEPP vai identificar as diferenças regionais e avaliar sua influência na receptividade e andamento dos projetos em cada Estado.

Para cumprir esses objetivos, a pesquisa foi dividida em dois módulos. O primeiro é quantitativo e apóia-se em dados coletados através de questionários aplicado em 5,2 mil escolas urbanas públicas. "Para selecionar as escolas levamos em consideração o porte do estabelecimento de ensino, sua dependência em relação à Secretaria de Educação ou à Prefeitura e o tamanho do município", afirma o professor.

O questionário contém indagações sobre os três programas do MEC e foi enviado por Correio aos diretores de todas as es-

colas selecionadas — 65% desse total voltaram à Unicamp, um percentual considerado excelente pelos pesquisadores. Com base nas respostas, o NEPP pôde apresentar os primeiros resultados de avaliação do programa TV Escola. A análise dos resultados relativos aos outros dois programas ainda está em processo de conclusão.

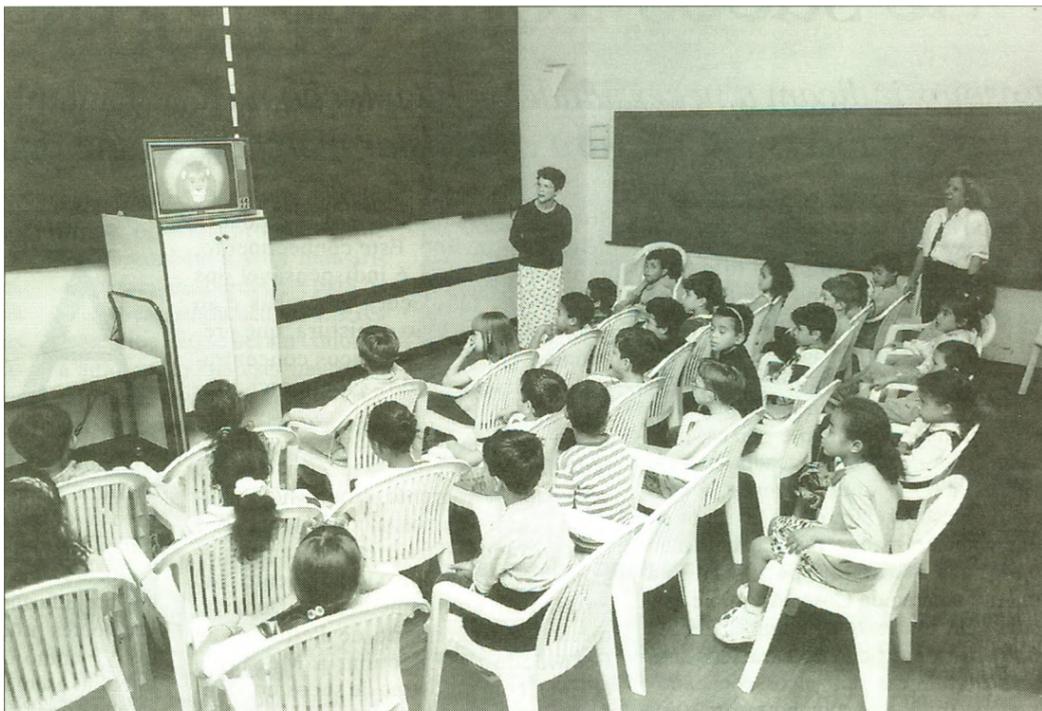
O segundo módulo da pesquisa, de natureza qualitativa, centrou-se num estudo de caso em que 20 profissionais da Unicamp percorreram oito estados — Pará, Maranhão, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e Rio Grande do Sul. Durante um mês, os pesquisadores entrevistaram prefeitos, secretários municipais e estaduais de Educação, diretores e coordenadores de escolas, merendeiras, professores, pais de alunos e os próprios alunos. Foram mais de 800 entrevistas realizadas nas capitais e em outros três municípios de cada estado. Os resultados dessa etapa da pesquisa ainda estão sendo sistematizados e analisados pela equipe da Unicamp.

Embora referentes apenas ao TV Escola, os dados reunidos pela pesquisa já levaram o MEC a pensar correções nos rumos do projeto. Segundo o Ministério, a partir do ano que vem serão criados centros para capacitar os professores a usarem computadores em salas de aula. Esses mesmos centros serão utilizados para o treinamento em vídeo.

Novos Rumos — Em janeiro de 1995, o MEC propôs novos rumos para o sistema de ensino fundamental. Entre eles estão a aceleração da descentralização da merenda escolar e a criação de dois novos programas, também descentralizados: o Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (PMDE), que trabalha com transferência de recursos financeiros para a escola, e o Programa TV Escola, voltado para capacitar professores e enriquecer o currículo dos alunos de escolas públicas por meio da utilização do ensino à distância.

Em meados do ano de 95, o governo federal implantou oficialmente o PMDE ou "Dinheiro na Escola" que repassa verbas diretamente às escolas. Os recursos são destinados à manutenção do estabelecimento de ensino e a quantia enviada a cada escola varia de acordo com o região e o número de alunos. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por exemplo, recebem um valor *per capita* maior que as escolas do Sul e Sudeste do país.

Já o Programa de Apoio Tecnológico pretende atender a todas as escolas públicas com mais de 100 alunos. Em maio de 1997, cerca de 78% já haviam recebido o "kit tecnológico" (equivalente a R\$ 1.500,00) composto por um aparelho de televisão, uma antena parabólica, um videocassete e dez fitas de vídeo. O kit funciona como



Classe da EEPSP "Antonio Vilela Júnior", em Campinas, assiste a aula pela tevê

Professor destaca fatores técnicos como entraves ao TV Escola

Além da falta de capacitação de recursos humanos, outros fatores de ordem técnica podem estar prejudicando a incorporação definitiva do Projeto TV Escola. Os problemas detectados pela pesquisa do NEPP são observados desde a compra e instalação do equipamento até o momento em que a imagem é captada pela antena parabólica.

Embora ressalte o treinamento de profissionais como principal fator para o sucesso do Projeto, o pesquisador do NEPP e um dos coordenadores do projeto, José Roberto Rus Perez, destaca outros aspectos que devem merecer a atenção do MEC.

Jornal da Unicamp — **As marcantes diferenças regionais do Brasil interferem no desenvolvimento de um projeto que pretende atingir todo o território nacional?**

José Roberto Rus Perez — Apesar de o Ministério ter adotado o mesmo procedimento em todo o país, a pesquisa nos mostrou que até a topografia de cada Estado pode interferir no desenvolvimento de um projeto nacional. O "kit tecnológico" precisa adequar-se não só aos anseios diferenciados de profissionais de 27 estados, mas também obedecer a determinadas limitações topográficas e culturais. Imagine a diferença entre instalar uma antena parabólica em uma cidadezinha à margem de um

igarapé no Pará ou em uma cidade deserta do interior de Alagoas e, ao mesmo tempo, colocá-la em cidades como São Paulo, Belo Horizonte ou Porto Alegre.

Ju — **Que tipo de limitação é essa?**

Perez — No Nordeste, por exemplo, os diretores de escolas contam que a energia costuma faltar. Portanto, para que a televisão funcione com regularidade faz-se necessária a instalação de geradores nessas localidades. Já em regiões montanhosas, o sinal emitido pelo satélite costuma se perder e isso interfere na imagem captada pela TV. Na região dos Pampas há ventos intensos durante certo período do ano e esse tipo de fenômeno danifica as antenas.

Ju — **Quais os motivos que levaram algumas escolas a comprar e não instalarem o equipamento?**

Perez — Em alguns casos, por falta de esclarecimentos, a diretora da escola não sabia que a empresa fornecedora do equipamento estava obrigada a instalá-lo. Assim, muitos diretores explicam que, embora o equipamento já esteja na escola, não é possível instalá-lo já que, se o fizessem, estariam perdendo a garantia dada pela empresa fornecedora. Em outros casos, a marca da televisão não era a mesma do vídeo e, no momento da instalação, os técnicos constataram incompatibilidade entre as duas tecnologias.

Ju — **Qual a maior dificuldade apontada pelos diretores para justificar a não-utilização do kit tecnológico?**

Perez — Basicamente a falta de informações sobre como operar os equipamentos. Nós detectamos que os problemas começam a aparecer logo no momento da instalação. Apenas um pequeno número de escolas consegue instalar o kit em sala apropriada. Normalmente, a televisão e o vídeo são colocados em ambientes inadequados como salas de aula, salas de professores, diretoria ou auditório, dificultando assim o acesso do aluno aos equipamentos. Mesmo quando esse problema inicial é superado, aparece um outro ainda mais sério. Os profissionais não sabem quem pode operar o equipamento ou quem está apto a selecionar a programação ou ainda quem conhece o equipamento para gravar trechos importantes que deveriam compor a videoteca da escola.

Ju — **Qual a principal falha de implantação do TV Escola?**

Perez — Até onde a pesquisa pôde detectar, a principal falha de implantação do programa está ligada a uma frouxa inserção desse potente mecanismo de capacitação na rotina e nos sistemas pedagógicos das redes estaduais e municipais de ensino fundamental. (M.T.S.)

base para a implantação do Projeto TV Escola, um canal de satélite adquirido pelo MEC para veicular programas educativos e de capacitação de professores.

Com uma programação diária de três horas — repetidas em horários alternados quatro vezes ao dia — o Projeto TV Escola pretende democratizar o ensino por meio da televisão fazem

do com que os alunos e professores de todo o país tenham acesso a uma mesma programação educativa.

A descentralização do já antigo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) — a merenda escolar — é outra das metas do MEC, proposta já em 1993 e acelerada principalmente de 1996 em diante. Antes os

recursos para alimentação escolar eram administrados pelo próprio MEC, que comprava os produtos e os distribuía para todo o país. Com o programa de descentralização, o MEC repassa recursos às Secretarias Estaduais de Educação e às prefeituras, para aquisição dos alimentos usados na merenda escolar. (M.T.S.)

PRODUÇÃO

FEA avalia variações de sucos tropicais

Ensaio indicam a necessidade de adaptação nas linhas de processamento para conquistar mercado

Maria do Carmo Pagani

Um estudo inédito desenvolvido na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp vai contribuir para melhorar o processamento de sucos de maracujá, manga, mamão e goiaba, com demanda crescente no mercado exterior, em especial no japonês e europeu. A pesquisa de mestrado "Reologia de sucos de frutas tropicais: manga, maracujá, mamão e goiaba", realizada pela química Roselene Aparecida Coser Adorno e orientada pela professora Florencia Cecilia Menegalli, identificou as características físicas e químicas dos sucos concentrados dessas frutas e seu comportamento durante o escoamento no processo de produção, elementos capazes de interferir na avaliação sensorial do produto.

Os bons resultados obtidos na pesquisa possibilitaram a instalação de um setor de medidas físicas no Laboratório de Engenharia de Processos da FEA, onde estão sendo conduzidos atualmente novos estudos reológicos em sucos de acerola e graviola. O Brasil, lembra Roselene, é reconhecidamente um grande exportador de frutas tropicais *in natura*. Mas não detém informações completas sobre características dos produtos regionais que podem sofrer alterações no processo de produção.

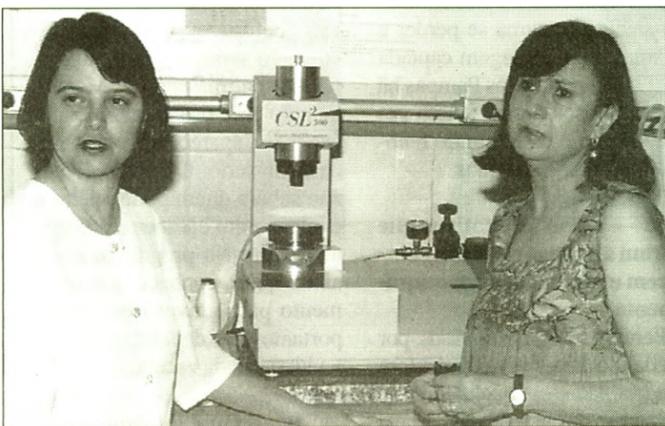
Para aproveitar-se deste mercado emergente que, por proporcionar menor perda que a exportação de frutas frescas pode garantir maior lucro aos exportadores, algumas indústrias nacionais começam a se preocupar em estudar o comportamento de determina-

dos sucos para projetar novas unidades de processamento. Este conhecimento, explica Roselene, é indispensável aos projetos de tubulações e bombas e ao sistema de agitação e mistura, que precedem a chegada dos sucos concentrados às prateleiras dos supermercados.

Propriedades exclusivas — O estudo levou em conta aspectos como a viscosidade aparente, composição química e, entre outros, a consistência dos concentrados. Para efetuar-lo a pesquisadora realizou aproximadamente 500 ensaios em equipamentos do Departamento de Engenharia de Petróleo, da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM), com amostras de sucos concentrados fornecidos pela Utiara S/A Agroindústria e Comércio, de Pernambuco.

A inexistência de dados reológicos sobre frutas tropicais na literatura tem levado a indústria nacional a utilizar no processo de fabricação destes sucos condições semelhantes às aplicadas na produção do suco de laranja. "Mas, por terem propriedades diferentes, os resultados não atingem o mesmo nível de qualidade", destaca Roselene, que para realizar a pesquisa valeu-se dos conhecimentos da professora Mara Isabel Rodrigues, co-orientadora do trabalho. Para detectar eventuais mudanças provocadas pelas condições de produção dos concentrados, todas as amostras foram submetidas a variações de concentração e de temperatura.

Para obter sucos concentrados com qualidade capaz de conquistar o exigente paladar dos importadores, segundo Roselene, a indústria brasileira deverá respeitar características exclusivas de cada fruta, como o grau de pectina, o teor de açúcar e a quantidade de fibras. Mas terá, sobretudo, como aponta o trabalho, de adequar toda sua linha de processamento, projetando novos equipamentos ou adaptando os existentes.



Roselene e Florencia: 500 testes até o resultado final

TECNOLOGIA

Conversor elimina distorções elétricas

Engenheiro monta protótipo para regulamentar funcionamento de fornos e aquecedores elétricos

Paulo César do Nascimento

Às últimas notícias veiculadas pela rádio local, a mãe começa a preparar o jantar enquanto o filho mais velho termina de imprimir o trabalho escolar que acabou de digitar no microcomputador e a caçula está entretida com a leitura de um romance. Liga o forno elétrico e, quase instantaneamente, surgem ruídos no rádio que se sobrepõem à voz do locutor. Na sala, a luz começa a oscilar, prejudicando a leitura e provocando veementes protestos da garota. Do quarto, o menino dá outro sinal de alerta: o trabalho escolar começou a ser impresso sem algumas linhas.

Sem se dar conta, ao ligar o forno elétrico a dona de casa provocou o pequeno caos familiar. Aquecedores de ambientes e fornos elétricos produzidos no Brasil, que chegam a consumir até 4 quilowatts de energia, podem provocar interferências no funcionamento de outros aparelhos eletro-eletrônicos e exercer influência significativa no funcionamento de lâmpadas incandescentes. Porém, mais do que transtornos domésticos, o problema também pode interferir nas exportações brasileiras. Sem se adequar às rígidas normas internacionais que regulamentam o funcionamento de aparelhos elétricos, a indústria nacional dificilmente conseguirá colocar seus produtos no mercado europeu.

Buscando soluções, o engenheiro elétrico Carlos Bianchin elaborou a dissertação de mestrado "Pré-reguladores de fator de potência alimentando cargas resistivas", que contou com a orientação do professor José Antenor Pomílio, da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp, e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Segundo Bianchin, os aparelhos eletro-eletrônicos de uso doméstico utilizam basicamente dois tipos de controle: liga/desliga — comumente encontrado em ferros elétricos — e de fase — usado normalmente em lâmpadas incandescentes. Nesse caso, o interruptor é substituído por um botão que, ao ser girado, aumenta ou diminui a intensidade da luz.

"Esses dois tipos de controles podem fazer com que, na corrente elétrica dos aparelhos, sejam introduzidas distorções acima dos limites estipulados por normas internacionais, ou, ainda, produzidas variações no nível de tensão de alimentação acima do estipulado em padrões exigidos no exterior", explica Bianchin.

Eletrônica de potência — Além da distorção de baixa frequência e da



Carlos Bianchin: obediência às normas internacionais

flutuação de tensão, o engenheiro procurou também eliminar as harmônicas de alta frequência, relacionadas diretamente à interferência eletromagnética.

Aproveitando técnicas da eletrônica de potência — uma tecnologia utilizada para o desenvolvimento de inúmeras aplicações que buscam um uso mais eficiente da energia elétrica — o engenheiro solucionou grande parte dos problemas. Ele estudou dois circuitos que têm como principal característica o fato de permitirem a obediência a todas as normas internacionais, sempre com alta eficiência.

Os protótipos foram desenvolvidos no Laboratório de Condicionamento de Energia Elétrica da FEEC para cargas até 1.100 watts, mas Bianchin lembra que os conversores podem ser adaptados para funcionar também com maiores níveis de potência, bastando para isso redimensionar os componentes.

Marmoraria Brulina

A NATUREZA FAZ MELHOR



Tudo em granito, mármore e ardósia para mesas, pias, colunatas.

Traga a sua idéia de decoração e consulte a Marmoraria Brulina.
Fone (019) 239-5247. Av. Albino J. B. Oliveira 2.460 - B. Geraldo

MODERNIZAÇÃO

Automação altera perfil do trabalhador bancário

Tecnologia melhora serviços mas desmobiliza categoria ao provocar demissões e maior rotatividade entre os funcionários

A automação bancária, arma de competitividade das instituições financeiras, contribuiu para a modernização dos serviços aos clientes e para o reforço dos lucros dos banqueiros, mas alterou o perfil e enfraqueceu radicalmente uma categoria de importância fundamental no processo de conquistas sociais dos trabalhadores: a dos bancários. Com a crescente utilização da tecnologia desde os anos 70, o bancário tradicional, detentor de grande conhecimento de contabilidade, tornou-se minoritário nas agências e foi gradativamente substituído por funcionários dos quais são exigidos menores conhecimentos e que, conseqüentemente, são mais atingidos pela rotatividade.

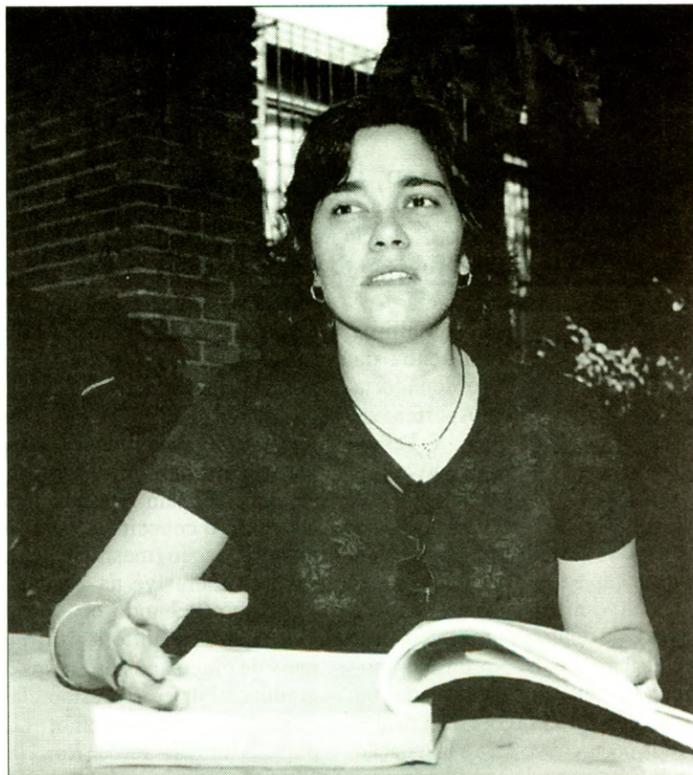
Ao mesmo tempo em que se eliminou a cadeia de trabalhadores responsáveis por listar, conferir e fazer lançamentos,

surgiram as equipes responsáveis por auditar, desenvolver estratégias mercadológicas e analisar a evolução dos negócios, capazes de garantir lucros cada vez maiores, transformando as agências em centros de negócios. Esta é a idéia central da dissertação de mestrado "Mito e realidade na automação bancária", feita pela socióloga Maria Amélia Pagotto e apresentada recentemente no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Orientado pela professora Ângela Maria Tude de Souza, o estudo analisa de modo crítico os aspectos ideológicos do discurso patronal utilizado para justificar a automação.

Transformação — O discurso, afirma Maria Amélia, já indicava a perspectiva de transformação e de redução da categoria. Com base na análise da sociologia do trabalho, ela destaca que a desutilização dos tra-

balhadores, instrumento embutido na reforma produtiva que atinge também o setor industrial, passou despercebida para as lideranças sindicais. Os líderes bancários não se deram conta de a automação "não ser neutra" e que uma "onda tecnológica" poderia proporcionar sérios prejuízos aos trabalhadores no segmento.

O impacto negativo da automação na categoria é comprovado pela queda do número de trabalhadores, que em 1994 somava 650 mil em todo o país. Deste total, somente no ano de 1996 foram fechadas 150 mil vagas nas instituições financeiras brasileiras. A redução significou, na avaliação da socióloga, a ampliação da carga de trabalho para os funcionários que permaneceram empregados. Ainda em decorrência do avanço da automação, os trabalhadores no segmento passaram, em boa parte, a enfrentar problemas de saúde, em especial a



Maria Amélia: onda tecnológica e prejuízo ao trabalhador

Lesão por Esforços Repetitivos (LER), sem que os bancos desenvolvessem programas para atendê-los ou aliviassem a jornada com a intenção de contribuir para a recuperação destes trabalhadores.

O tratamento para a categoria, lembra a socióloga, é inverso ao dispensado aos bancos no início dos anos 70, quando o governo criou as condições necessárias para a automação, sob o argumento que ela seria instrumento

relevante na retomada e consolidação do crescimento econômico do país. "Falta agora, por parte do Estado e da sociedade organizada, encontrar soluções novas que permitam superar o quadro de desemprego e precarização do trabalho assalariado", diz. Estas seriam as fórmulas, acredita, de estancar os impactos negativos da automação, entre eles a drástica queda da mobilização da categoria pelo exercício de sua cidadania. (M.C.P.)

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Dentista emigrante é tema de pesquisa

Socióloga mostra como esses profissionais enfrentam as discriminações classistas que sofrem em Portugal

Roberto Costa

O período que compreende o final da década de 80 e início de 90 marcou no país alguns processos migratórios atípicos. Dekasseguis buscaram melhores condições de vida no Japão. Mineiros de Governador Valadares vislumbram nos Estados Unidos um "eldorado" para seu futuro financeiro. Nesse cenário, dentistas brasileiros surgem como novos personagens. Conhecedores da carência desses profissionais em Portugal, brasileiros passaram a buscar um mercado com melhores possibilidades financeiras. Esses dentistas conseguiram provocar uma espécie de "guerrilha diplomática" entre Brasil e Portugal. Uma lei de 1992 amenizou, mas não resolveu o problema: os brasileiros puderam trabalhar em Portugal, mas ficaram impossibilitados de aviar receitas — direito concedido apenas a médicos-dentistas, a carreira que corresponde ao dentista em Portugal, mas que na realidade é um curso de medicina com especialização em odontologia.

Atenta a esse novo cenário, a socióloga Carla Andrea Soares apostou no assunto para transformá-la em dissertação de mestrado "Emigração de cirurgiões dentistas brasileiros para Portugal", defendida em agosto no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Orientada pela professora Teresa Sales, Carla acompanhava pela imprensa as dificulda-

des dos dentistas brasileiros e arquivava as matérias jornalísticas sobre o tema. Aproveitou as férias de 1993, quando já cursava os créditos do mestrado, para fazer a primeira viagem a Portugal. "A imprensa mostrava uma postura bastante crítica. Pude ver isso pelos jornais que li em Portugal", informa.

Quase três anos depois, no final de 1996, Carla retornou a Portugal e passou a conversar com os dentistas envolvidos no processo. Teve acesso a 13 dentistas brasileiros e percebeu como eles, em pouco tempo, apesar do preconceito, conseguiram desenvolver seu trabalho. Financeiramente o desafio foi compensador. "Alguns conseguiram comprar apartamento, carro e montar consultório em dois anos", relata. Há casos de dentistas que aumentaram o faturamento quando levaram outros brasileiros a Portugal e passaram à condição de donos de clínicas.

Mas qual a razão do sucesso? Carla lembra que um dos motivos foi o "jeitinho brasileiro". O português normalmente era fechado e isso dificultava seu trabalho. O brasileiro, ao contrário, logo ganhou a simpatia do meio em que vivia, apesar da campanha contrária promovida pela Associação Portuguesa de Médicos-Dentistas (APMD) e pela imprensa. A pesquisadora lembra também que os brasileiros chegaram a Portugal num momento em que o mercado estava livre e a imprensa falava na necessidade de 3.800 novos profissionais. Não havia regulamentação para o trabalho na área. A entrada de Portugal na Comunidade Econômica Européia (CEE)



Carla Soares conferiu o sucesso dos dentistas em Portugal: "jeitinho" brasileiro

As manchetes dos jornais portugueses

- "Odontologistas brasileiros são 'perigosos' para nós" (*Correio da Manhã*, 8/5/91)
- "Dentes: canudo só português" (*Semanário*, 11/5/91)
- "Portugal não vai 'legalizar' dentistas clandestinos brasileiros" (*Expresso*, 18/5/91)
- "Vêm aí mais cinco mil dentistas brasileiros" (*Correio da Manhã*, 27/3/92)

exigia novos padrões para o país, como no caso dos dentistas.

Todo esse cenário se passa num país cujas escolas de odontologia colocavam no mercado número insignificante de médicos dentistas para atender a demanda interna. Do Brasil, os dentistas levavam uma tradição de 80 anos e quase igual número de faculdades

espalhadas de norte a sul do país.

Fuga de cérebros — "O caso dos brasileiros traz uma excepcionalidade", diz Carla. "Tratava-se de uma fuga de cérebros, já que esses dentistas são profissionais que fazem falta em determinadas regiões do país". Mesmo não promovendo uma

emigração em massa como os dekassegus e os valadarenses, eles representaram um filão importante e qualificado. Não se sabe ao certo quantos brasileiros foram para Portugal no período entre 1986 e 1992, quando Portugal assinou o primeiro acordo. Nesse grupo havia 413 cirurgiões-dentistas brasileiros.

FEEC

Aos 30, FEEC consolida seu prestígio

Principais avaliações do país apontam a unidade como a melhor em sua área

Célia Piglionne

Dados da última avaliação da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) evidenciam que a Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp é a escola que vem formando o maior número de mestres e de doutores em engenharia elétrica no país. No último ano, por exemplo, foram formados 68 mestres e 41 doutores. Considerada peça-chave para a instalação em Campinas de centros de pesquisa que congregam um importante pólo de alta tecnologia nacional, ao lado da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM), a FEEC está comemorando 30 anos. Essas duas unidades foram inicialmente departamentos da extinta Faculdade de Engenharia de Campinas.

Atualmente com cerca de 650 alunos em cursos diurnos (engenharia elétrica e engenharia de computação) e noturnos (engenharia elétrica) na graduação e 580 na pós-graduação, desde a sua criação mais de 1.500 engenheiros nela se graduaram. A FEEC conta hoje com 106 professores em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, dos quais 97 com título de doutor. Acumulam-se em sua pós-graduação mais de

1.100 teses apresentadas, das quais cerca de 50% foram defendidas nos últimos cinco anos. São dados que ilustram sua contribuição a nível nacional, aliados à posição que a unidade ocupa nas avaliações de desempenho feitas por entidades externas à Unicamp.

A Capes tem repetidamente atribuído o conceito A para sua pós-graduação (mestrado e doutorado), inclusive na avaliação deste ano. Segundo o *Guia do Estudante*, da Editora Abril, há mais de cinco anos os cursos de graduação da FEEC estão classificados como os melhores do país. Além disso, o *Ranking Playboy*, única avaliação sistemática dos cursos de graduação das universidades brasileiras realizada desde 1982, confere à FEEC desde 1984 o primeiro lugar do país.

Parceria — Com o objetivo inicial de atender às empresas na capacitação de mão-de-obra especializada, desde sua criação em 1967 — a princípio enquanto Departamento de Engenharia Elétrica e Eletrônica da Faculdade de Engenharia de Campinas — a FEEC tem mantido inúmeros contratos de pesquisa junto a empresas nacionais e estrangeiras, que ao longo dos anos adotam os projetos desenvolvidos pelos especialistas de seus onze departamentos de ensino e pesquisa. "São trabalhos que apresentam ao setor produ-



Wagner Caradori do Amaral, diretor da FEEC: mais de uma centena de pós-graduados por ano

tivo soluções originais para diferentes problemas", afirma o diretor da FEEC, Wagner Caradori do Amaral.

Desmembrada em 1986 da Faculdade de Engenharia de Campinas (que ainda manteve por algum tempo o Departamento de Engenharia Mecânica, que mais tarde também tornou-se faculdade), a antiga Faculdade de Engenharia Elétrica apresenta vocação científica e tecnológica que se manifesta em sete grandes áreas: engenharia de computação, automação, sistemas de potência e máquinas elétricas, telecomunicação e

telemática, engenharia biomédica, energia e sistemas, além de eletrônica, microeletrônica e optoeletrônica. Em 1996, por suas pesquisas e atividades de ensino voltadas à engenharia de computação, passou a ser denominada Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC).

Poucas instituições de ensino superior do Brasil têm unidades com produção científica tão notável quanto a FEEC. É intensa sua contribuição em publicações de congressos internacionais, relatando resultados inovadores tanto em nível cien-

tífico como tecnológico. Perto de 120 trabalhos são apresentados anualmente em congressos internacionais e em média uma centena são publicados em congressos nacionais. Os trabalhos da FEEC também têm sido divulgados em revistas nacionais e internacionais especializadas. No último ano, por exemplo, foram publicados mais de 80 trabalhos. Soma-se a essa produção a edição de livros de pesquisas do estado da arte e de livros didáticos de apoio às atividades de ensino, em nível de graduação e de pós-graduação.

FEM

Em sintonia fina com o mercado de trabalho

Aos 30 anos, a Faculdade de Engenharia Mecânica mantém-se em dia com as mudanças tecnológicas

Estudos europeus e norte-americanos demonstram que as carreiras e a mobilidade profissional da sociedade moderna requerem uma formação direcionada aos fundamentos da profissão. Interessada em aprofundar essa questão e discutir o ensino da engenharia no Brasil, a Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) — ao lado da Faculdade de Educação e da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp — está realizando uma pesquisa junto a seus ex-alunos, com o fim de obter informações sobre vários aspectos relacionados ao curso e à profissão. O desenvolvimento do graduado na carreira, o tipo de indústria que mais emprega os engenheiros mecânicos, as posições ocupadas pelos ex-alunos, o avanço social e profissional dos egressos da FEM ou, ainda, os fatores que influenciam a vida profissional desses engenheiros, são algumas das preocupações da faculdade que acaba de comple-

tar 30 anos.

Utilizando métodos de pesquisa que se enquadram numa abordagem qualitativa do fenômeno educativo, o estudo tem como ponto de partida a reforma curricular implantada em 1990 nessa unidade, entre outros motivos pelas intensas transformações tecnológicas no mundo da produção. Essa preocupação de formar profissionais que possam inserir-se em qualquer setor industrial, no entanto, remonta aos anos 60. Naquela época era criada a Faculdade de Engenharia de Campinas (FEC), oferecendo inicialmente os cursos de engenharia mecânica e de engenharia elétrica e eletrônica.

Durante mais de duas décadas a FEC esteve na vanguarda do processo de desenvolvimento em engenharia elétrica, engenharia mecânica e posteriormente em engenharia química. Agrupados em áreas e amadurecidos ao longo do tempo, apresentando contornos de unidade, seus departamentos se desdobraram em unidades — Faculdades de

Engenharia Elétrica (1986), de Engenharia Mecânica (1989) e de Engenharia Química (1990).

FEM em números — Com 78 docentes (quase a totalidade com título de doutor) e 670 teses defendidas (520 no mestrado e 150 no doutorado, desde a implantação de sua pós-graduação a partir de 1974), a FEM já formou 1.370 engenheiros, sendo a primeira turma a de 1971 e a última a de junho deste ano. Atualmente com 380 alunos na graduação e 500 alunos regulares e mais de 250 alunos especiais na pós-graduação, a FEM desenvolve suas atividades de ensino e pesquisa em três frentes: energia, fabricação e projeto mecânico.

Como fruto do constante interesse em manter suas atividades atualizadas, a partir de 1998 essa unidade passará a oferecer 40 vagas noturnas em engenharia de controle e automação (mais conhecida como mecatrônica), além de 60 vagas no período diurno do curso de engenharia mecânica, completando



Douglas Zampieri, diretor da FEM: investir em qualidade

assim as 100 vagas totais que representam hoje a capacidade da unidade.

Segundo seu diretor, professor Douglas Zampieri, "consciente das mudanças sociais e tecnológicas por que passamos, a FEM tem procurado investir na infra-estrutura de ensino e adequar seu curso de graduação, sempre com o objetivo de oferecer elevada qualidade com sólido embasamento teórico, associado à experiência de docentes e pesquisadores atuantes nas diversas áreas da engenharia mecânica".

Uma particularidade que

apresenta, enquanto resultado da redução de sua carga horária de 3.880 para 3.660 horas/aula, é a maior participação de seus alunos da graduação em atividades de estudo, de iniciação científica e tecnológicas e extracurriculares, o que inclui a integração dos estudantes em pesquisas da pós-graduação. Com isso, torna-se expressiva a produção científica dos docentes e alunos. Em 1996, por exemplo, foram apresentados 110 trabalhos em congressos nacionais e 70 em congressos internacionais, foram publicados 32 artigos em revistas nacionais e 12 em revistas internacionais. (C.P.)

IFCH

A casa dos intelectuais comemora três décadas

Faculdade é reconhecida nacionalmente pela formação de pensadores que se destacam na produção crítica e de reflexão

Nos anos 70 a Unicamp era tida pelos intelectuais brasileiros como um oásis menos submetido à repressão militar, onde era possível encontrar um espaço alternativo para novas idéias. Muitos militantes de esquerda encontraram solo fértil numa de suas unidades então recentemente criada, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), que acaba de completar 30 anos. Em 31 de agosto de 1967, o Conselho Diretor — equivalente, na época, ao Conselho Universitário — assinava naquele dia a ata de criação do Departamento de Planejamento Econômico e Social (Depes), núcleo inicial do Instituto de Ciências Humanas implantado no segundo semestre de 1968.

A época era de grande conturbação mundial e no Brasil um dos focos atingidos era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), localizada na rua Maria Antônia, em São Paulo,

cujos estudantes e professores contrários ou não ao regime militar eram presos e torturados em órgãos repressores. O então reitor da Unicamp, professor Zeferino Vaz, começava a atrair para o campus da recém-criada universidade nomes expressivos com a finalidade de constituir suas faculdades e seus institutos. O IFCH, que começou por abrigar as áreas de economia, ciências sociais e linguística, teve em seu quadro intelectuais como o filósofo Michel Debrun, o sociólogo Nelson Perlongher e os historiadores Peter Eisenberg e Alcir Lenharo, que mantiveram sua produção cultural a serviço do ensino.

A exemplo de outras unidades da Unicamp, o IFCH também cumpriu uma missão embrionária, uma vez que dois de seus departamentos (Linguística e o próprio Depes) transformaram-se em unidades distintas: respectivamente o Instituto de Estudos da Linguagem (1970) e o Instituto de Economia (1984). Atualmente o IFCH conta com cinco departamentos — Antropologia,

Ciência Política, Filosofia, História e Sociologia — que abrigam três cursos de graduação, cinco de mestrado e seis de doutorado. Seus professores estão diretamente envolvidos na produção de revistas especializadas e participam de eventos importantes realizados no Brasil e no exterior.

Reflexão — “Não há uma área de pensamento no país em que não se encontre de algum modo a marca do IFCH, seja na história, seja na filosofia ou nas ciências políticas e sociais. Já que nossa função é pensar os grandes debates políticos culturais”, comenta o historiador e diretor da unidade, professor Paulo Miceli. Lembrando que sempre há um nome ligado ao IFCH quando se trata de grandes temas, como política da terra, Miceli comenta que “por ter sido criado numa época conturbada, e isso refletiu muito em nossa unidade, o instituto trabalha com idéias, sendo nosso principal produto a crítica, a reflexão. Produzimos para a sociedade pessoas que pensam”,



Paulo Miceli, diretor do IFCH: nosso produto é a crítica

atesta o diretor.

Ao longo de seus 30 anos o IFCH angariou reconhecimento dentro e fora do país, por abrigar intelectuais de renome, pelas idéias por eles concebidas e ainda pela importância de seus acervos. Em 1974, o maior e mais completo acervo do movimento trabalhista brasileiro desde o início do século constituiu-se junto ao IFCH graças ao esforço de um grupo de profes-

res, que recolheu o rico material coletado por Edgard Leuenroth, importante militante sindical e anarquista que atuou no Brasil. Trata-se do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), composto por materiais impressos, manuscritos, iconográficos, sonoros e cartográficos, provenientes de compras, doações e produção de documentação pertencente a pessoas ou instituições. (C.P.)

SOCIOLOGIA

A presença weberiana em *Raízes do Brasil*

Releitura da obra de Sérgio Buarque de Holanda mostra influência do pensador alemão

A influência da historiografia alemã, mais precisamente do pensamento sociológico de Max Weber, na obra *Raízes do Brasil*, ensaio publicado em 1936 pelo historiador e crítico literário Sérgio Buarque de Holanda, foi investigada em dissertação de mestrado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Em “A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em *Raízes do Brasil*”, estudo orientado pela docente Élide Rugai Bastos, Pedro Meira Monteiro procura situar o ensaio — considerado um clássico na história do pensamento social brasileiro — em relação àquela que, conforme argumenta, é a fonte mais importante para o autor brasileiro.

“A despeito da recusa do historiador em declarar-se filiado, irrestritamente, a uma ou outra corrente teórica, é possível detectar, em *Raízes do Brasil*, uma forte marca do pensamento alemão, em especial a marca weberiana”, afirma Pedro.

Para compor a dissertação, ele debruçou-se sobre aproximadamente 30 interpretações do ensaio, leu as correspondências ativa e passiva do historiador mantidas pelo Fundo Privado Sérgio Buarque de Holanda, no

Sistema de Arquivo Central da Unicamp, e consultou vários dos livros do historiador pertencentes à Coleção Sérgio Buarque de Holanda, na Biblioteca Central da Universidade.

Pedro ressalva que não pretendeu ter realizado uma leitura inovadora da obra de Sérgio Buarque, mas apenas serviu-se do material colhido em suas pesquisas e análises para procurar, tanto quanto lhe pareceu possível, explicar razoavelmente as muitas discussões que têm lugar neste importante estudo de formação cultural brasileira que é *Raízes do Brasil*.

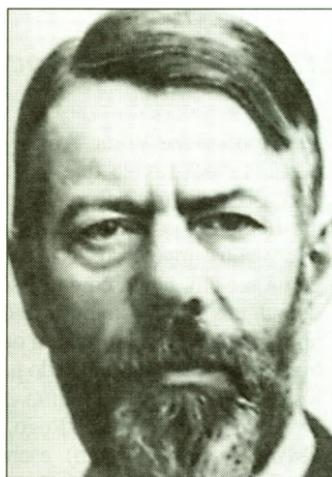
Homem cordial — Sérgio Buarque conheceu o sociólogo alemão no período de 1929 a 1930, quando esteve em Berlim. Pedro percebe a importância que Weber desempenha no ensaio ao observar, principalmente, a caracterização do “homem cordial” feita pelo historiador em *Raízes do Brasil*, numa reflexão sobre os traços culturais da gente brasileira.

O pesquisador acabou por contestar o tratamento meramente psicológico e moral dado ao “homem cordial” de Sérgio Buarque em outras interpretações da obra, como as do psicólogo Dante Moreira Leite e do sociólogo Gilberto Freyre, para quem “cordialidade” seria sinônimo de “bondade”.

De acordo com Pedro, aceitar a prevalência do conteúdo psicológico na análise do “homem cordial” é concluir que a proposta de Sérgio Buarque resumiu-se à tentativa de marcar a personalidade típica do brasileiro mediante a análise de sua psicologia, para, a partir dela, estabelecer as linhas gerais de uma cultura brasileira. “Contudo, não parece ter sido este, exatamente, o objetivo do historiador”, diz.

Basicamente, argumenta o pesquisador, Sérgio Buarque tentou detectar uma postura característica brasileira no que se referia à sociedade e à política. “Ele trabalhou conceitualmente a maneira pessoal e afetuosa com que os brasileiros se relacionam socialmente e como tratam tipicamente o que é público e o que é privado”, sugere.

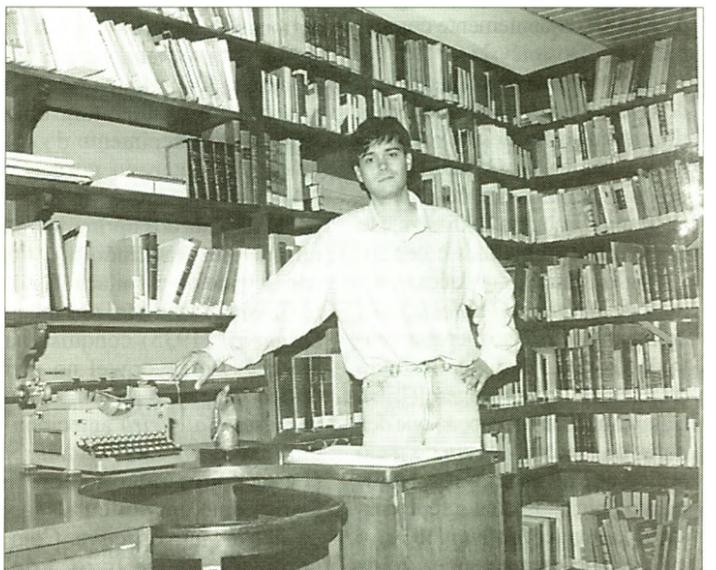
Para ele, é também em relação ao mercado capitalista e à gestão burocrática — temas obrigatórios nas reflexões do sociólogo alemão — que Sérgio Buarque parece ter construído a idéia da “cordialidade”. “Para o homem cordial, os vínculos primários são os únicos aceitáveis, o que inviabiliza a manutenção adequada do próprio relacionamento político no Brasil, desde sempre pautado pelas relações de cunho pessoal e familiar”, conclui. (P.C.N.)



O sociólogo Max Weber



O historiador Sérgio Buarque



Pedro Monteiro: influência da historiografia alemã

ROMANCE

O negro na obra de Lima Barreto

Escritor fez opção consciente pelo cotidiano do subúrbio do Rio de Janeiro

Filho de tipógrafo com ex-agregada de família importante, o escritor Lima Barreto era um homem inconformado e atento aos acontecimentos que o rodeavam. Em toda a sua vida ficou do lado dos marginalizados. Mulato, ele próprio foi vítima dos preconceitos da sociedade da época e, através de seus romances, contos e narrativas humorísticas, analisou com singular sensibilidade o drama do negro e do mulato no Brasil da Primeira República. Autor de livros importantes como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911) e *Clara dos Anjos* (1922), entre outros, Lima retrata a vida suburbana que, no seu entender, melhor refletia as injustiças praticadas contra os menos favorecidos.

Essa postura do escritor levou o professor Carlos Henrique Gileno a elaborar a dissertação de mestrado "Lima Barreto e a condição social do negro e do mulato na Primeira República (1889-1930)", apresentada junto ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, sob a orientação da professora Walquíria Gertrudes Leão Rêgo. Durante dois anos ele se debruçou sobre a obra do escritor carioca para compreender como é que se dava a marginalidade do negro e do mu-

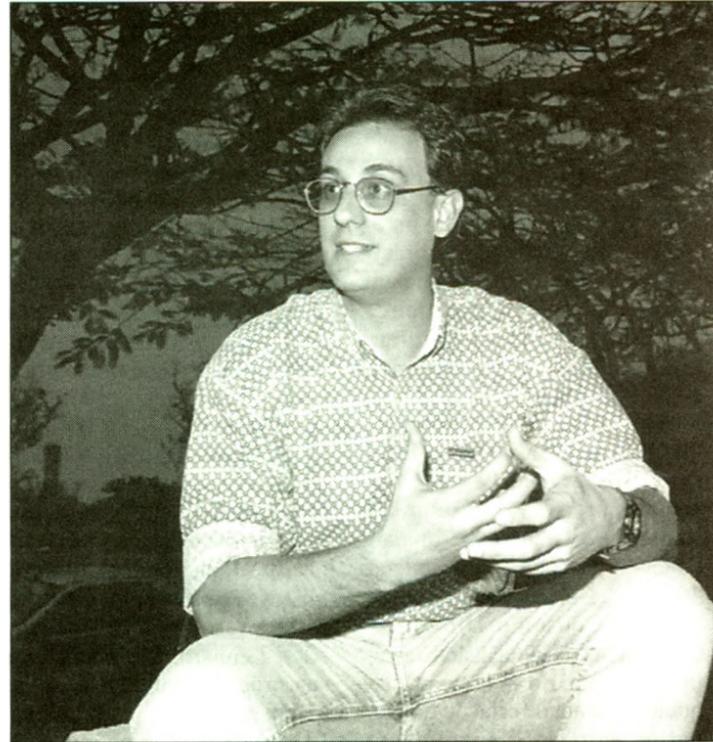
lato, e como Lima Barreto tratava o assunto em seus livros através de personagens ficcionais — que muitas vezes se confundiam com pessoas reais.

Segundo Gileno, em toda a obra ficcional de Lima Barreto pode-se perceber a constante preocupação com o ingresso dessa camada social na sociedade pós-abolicionista e republicana. Sua análise, porém, centrou-se em *Clara dos Anjos*, *Isaías Caminha* e *Numa e a Ninfa*. Gileno diz que nesses três romances encontrou elementos suficientes que denotam preconceitos que havia na sociedade brasileira nos primeiros anos do século 20. O negro era, de acordo com Gileno, uma figura marginalizada, que vivia aliado da esfera da produção. Era mesmo considerado intelectualmente inferior ao branco.

Ascensão — Em *Clara dos Anjos*, através da personagem que empresta o nome ao livro, Lima Barreto mostra o preconceito racial que ronda a sociedade brasileira no início do século. Clara, mulata, fora seduzida por Cassi Jones Azevedo, jovem branco, de classe média, sem caráter. Juízes e delegados julgavam absurdo o casamento de Cassi com suas vítimas — havia seduzido outras duas mulheres — devido às diferenças de educação, nascimento, cor e instrução. "Lima Barreto fazia uma reflexão sobre a condição so-



O pesquisador Carlos Gileno e a obra de Lima Barreto: personagens de ficção que se confundem com pessoas reais



cial e a pobreza da mulher mulata", diz Gileno.

Ele observa que em *Clara dos Anjos* e *Isaías Caminha* a denúncia barretiana estabelece uma crítica à sociedade que reduz a mulata a um status marginal. Tanto no que se refere à insuficiência de direitos de liberdade quanto aos próprios estereótipos que a época veiculava sobre o seu destino, supostamente forjado na prostituição e na mancebia.

Em *Recordações do Escrivão*

Isaías Caminha surge o tema da aceitação de alguns negros e mulatos na esfera das elites. Porém, como demonstra Lima Barreto, essa aceitação dava-se quase sempre por intermédio da patronagem. Isto é, inseridos no sistema de clientela, homens brancos e pobres, mulatos e negros submetiam-se à elite através da prática do favor. Segundo observações do pesquisador, negro e o mulato não competiam em condições de igualdade no mercado, mas ascendiam

socialmente, o que era raro, sob a sombra da "elite branca".

Em *Numa e a Ninfa* o mulato Lucrecio Barba-de-Bode personifica o tipo de agente político que "garantia" a paz das eleições. Passa a fazer contato com políticos, participando de agitações da Câmara, brigas eleitorais, libertação de presos e assassinatos, e "torna-se mero joguete nas mãos dos representantes da política republicana", observa Gileno. (A.R.F.)

CONTROVÉRSIA

A fortuna crítica de Lúcio Cardoso

Dissertação mostra processo errático em relação à obra do escritor mineiro

Autor de cinco romances e sete novelas, Lúcio Cardoso (1912-1968) foi alvo de severas e implacáveis críticas de jornais e suplementos literários das décadas de 30 e 40. Parte da crítica não se limitava a fazer uma análise estritamente literária de sua obra; era também desfavorável à figura do escritor, resvalando na ofensa pessoal. Havia, porém, artigos elogiosos que o alçavam à categoria de gênio, frequentemente comparando-o a Dostoiévski.

Foi para entender a campanha de silêncio e de boicote que se instituiu em torno dos livros e do romancista Lúcio Cardoso que a pesquisadora Cássia dos Santos elaborou o trabalho de dissertação de mestrado "Polêmica e controvérsia: o itinerário de Lúcio Cardoso de *Maleita* a *O Enfeitiçado*", apresentado junto ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Cássia analisou a recepção que dez obras do escritor tiveram no meio crítico por ocasião de seu lançamento, iniciando com a repercussão do romance *Maleita* (1934) e culminando com a publicação da novela *O Enfeitiçado* (1954).

Em sua dissertação, orientada

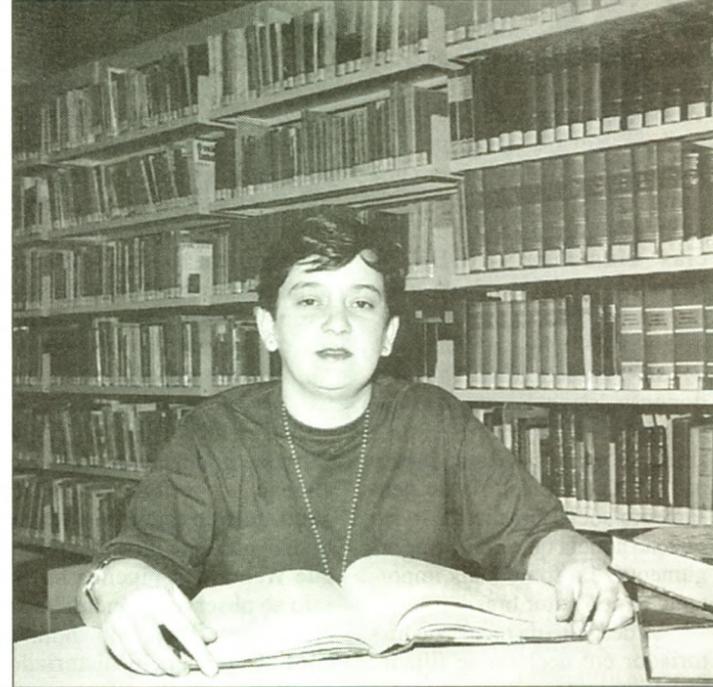
pela professora Vilma Arêas, a pesquisadora revela que Lúcio Cardoso, mineiro de Curvelo, era um homem sobretudo polêmico, arrebatado e impetuoso. "Não chegou a ser um gênio, como disseram alguns críticos, muito menos uma fraude, como afirmaram outros", diz Cássia. Influenciado pelos livros da época (*Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Cacau*, de Jorge Amado), escreveu *Maleita*, seu romance de estréia. O livro despertou o interesse da crítica, que viu nele uma obra regionalista importante que se somava às tantas que surgiram na década de 30, período que se tornou célebre na literatura brasileira pelo aparecimento do chamado "romance do nordeste". "Procuravam contar a história do ponto de vista dos oprimidos, dos miseráveis, retratando o cotidiano sofrido da população", conta Cássia. Tanto *Maleita* quanto *Salgueiro* (1935) conquistaram repercussão favorável no meio crítico simpático ao romance do nordeste. *Salgueiro* antecipou o universo de *A Luz no Subsolo* (1936), com o qual o autor se firmaria como um dos cultuadores da ficção introspectiva. Com a publicação desse livro, Lúcio Cardoso passou a receber ataques de segmentos da crítica de quem



Lúcio Cardoso no centro do ensaio de Cássia dos Santos (à dir.): do banal à genialidade

até então só recolhera elogios. Críticos que haviam se encantado com *Maleita* agora se mostravam refratários ao novo romance, no qual viram uma mistificação, um engodo.

Silêncio — A respeito de *Mãos Vazias* (1938), o crítico Mário Cabral salienta a banalidade e a inverossimilhança de seu enredo. Mas Tristão de A-



thayde, pseudônimo com o qual o líder católico Alceu Amoroso Lima assinava seus livros e artigos, saiu em defesa de Lúcio. Elogiou *Mãos Vazias* ressaltando a força da novela, com a qual julgava que o autor alcançava uma maestria rara e se consagrava como um dos mais talentosos escritores da época. Obras como *O Desconhecido* (1940) e *Dias Perdidos* (1943) dividiram os

críticos. Suas obras seguintes, as novelas *A Professora Hilda* e *O Anfiteatro*, ambas de 1946, tiveram destino semelhante. Por fim, *O Enfeitiçado* (1954), último livro, ao contrário de outros romances e novelas lançados anteriormente, pôde, segundo a pesquisadora, contar com "uma recepção mais isenta, voltada apenas para o julgamento de seu valor literário". (A.R.F.)

SOCIABILIZAÇÃO

Academias tornam-se espaço de convívio

Pesquisa elaborada na FEF mostra que praticantes querem mais do que corpo bonito e vida saudável

Amarildo Carnicel

A busca do corpo ideal e a necessidade diária de exercícios físicos em nome da boa saúde têm feito das academias de ginástica e musculação locais que a cada dia ganham maior número de adeptos. A ordem é malhar. Entretanto, por trás desse movimento há um fenômeno de sociabilização muito forte, tão importante quanto a preocupação com a estética e a saúde. A idéia é defendida pela professora Cristiane Ker de Melo em sua dissertação de mestrado "A malhação do lazer...ou seria a malhação no lazer? — uma análise sobre a multidimensionalidade da cultura expressa através dos corpos nas academias". A pesquisa foi desenvolvida na Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp sob a orientação da professora Heloísa Turini Bruhns.

Segundo a pesquisadora, as práticas em academias são vistas por alguns autores como forma de adestramento corporal por meio de uma repetição de movimentos. Para eles, as pessoas não questionam suas ações e ficam saltando horas diante do espelho assumindo uma maneira narcisista de olhar para si mesmas. Afirmam ainda que esses praticantes, no exagero dos cuidados com o corpo, podem estar inconscientemente sendo manipulados por uma indústria cultural. "Considero essa análise preconceituosa, a partir do momento em que os autores não assimilam a idéia de que esses adeptos são sujeitos de suas ações, sendo capazes de recusar ou mesmo de transformar e construir novos significados aos bens consumidos no universo da malhação" observa.

Em seu estudo, Cristiane



Cristiane na sala de ginástica de uma das academias pesquisadas: o corpo como protagonista

aponta que as academias são locais cuja função principal está associada às possibilidades de intervenções sobre as formas corporais de seus frequentadores. E completa: "Este espaço não está desvinculado da sociedade em que se insere. Pelo contrário, é um palco de manifestação cultural". A pesquisadora diz que o desejo de uma vida mais saudável e ativa e a possibilidade de conquista de uma forma corporal conforme os cânones de beleza em vigor pode ser o primeiro motivo que leva as pessoas a buscarem esse tipo de atividade. Entretanto, a sociabilização é, segundo ela, um dos principais fatores que fazem das academias locais tão disputados.

Protagonista — Na busca dessa sociabilização, o corpo torna-se o protagonista principal. "Sua forma e seus movi-

mentos constituem a linguagem que define tanto a amplitude quanto os limites de um universo simbólico que se constrói numa teia de relações estabelecidas no interior desses espaços", explica. No universo da malhação, os corpos expressam a representação de algumas regras que regem a sociedade, como os espaços delimitados para homens (musculação) e mulheres (ginástica), chegando à diferenciação salarial que privilegia os homens. "Compreender as práticas desses corpos significa, ao mesmo tempo, interpretar alguns aspectos da sociedade", afirma. Em seu trabalho de campo, a pesquisadora percebeu que o conteúdo apreendido na vivência dessa linguagem simbólica passa a ter influência sobre suas ações e intenções.

Na busca de dados para embasar seu trabalho, Cristiane optou por realizar uma pesquisa qualitativa na linha

de observação participante. Ela analisou o comportamento de frequentadores de três academias localizadas em bairros distintos de Campinas e que atendessem a segmentos sócio-econômicos diferenciados. Cristiane procurou identificar e confrontar similitudes e divergências nessas academias através de técnicas de observação direta sistemática e entrevista semi-estruturada, estabelecendo com o entrevistado uma relação de amizade e confiabilidade, com o objeti-

vo de obter mais dados para a análise. "De modo geral, os interesses dos usuários era o mesmo, independentemente da academia enfocada", analisa.

Segundo Cristiane, alguns admitiram que se matriculavam na academia somente para fazer novas amizades. Ela observou também que o "fazer academia", como denominam os frequentadores, ultrapassou os limites da obtenção de um "corpo ideal". O trabalho de campo, realizado em 1995 e 1996, durou um ano e meio.

colégio OBJETIVO

1 Benespa
2 Banco Itaú
3 Posto Texaco
4 Galeria Tili Center
5 Locadora de vídeo
6 Casa de tintas
7 Posto Esso

- E**M FOCO o Sistema Objetivo de Ensino
- O**s Melhores Professores
- O** Melhor Material Didático
- A** Melhor tecnologia de educacional
- P**ré-escola 1º e 2º graus

EM BARÃO GERALDO
RUA JOÃO PEDROSO, 265
FONE : 239.5822

Escolha o OBJETIVO.
Seu filho de bem com o futuro.

Padaria ALEMÃ

**UM LUGAR ESPECIAL
COM PREÇO MENOR QUE
LUGARES COMUNS !**

Pão Francês - \$ 0.10
11 Tipos de Baguetes Recheadas
Sandwiches de Metro - \$ 13.00
Croissants (Receita Francesa)
Confeitaria (Novos Lançamentos)

- Bolo Pralinê de Amêndoas
- Bolo Normando
- Bolo de Especiarias
- Cheesecake
- Apple Pie
- Rosca de Amêndoas e Nozes
- Charlotte de Morango
- Savarin com Frutas
- Sachertorte
- Torta Holandesa
- Bolo de Café e Nozes

E muito mais !!!

Av. Dr. Romeu Tórtima - 285
Distrito de Barão Geraldo - fone 239.2581

VESTIBULAR

Pesquisa discute padrão de redação nas escolas

Dissertação mostra impropriedade de modelos adotados no 2º grau

Isabel Gardenal

A redação no vestibular é um instrumento de seleção que ano a ano avalia e até elimina as possibilidades de aprovação já na primeira fase. Para alguns candidatos, por melhor que seja o desempenho em outras áreas, a redação ainda é uma barreira estanque. Para os avaliadores, os candidatos é que não conseguem traçar os seus objetivos textuais. Nas escolas, o retrato não é diferente. As redações seguem modelos do vestibular onde os professores avaliam, mas sem entender que os alunos caminham como em um processo e não como se as suas redações fossem produtos terminados.

Essa é a idéia central da dissertação "A redação no vestibular: uso da coletânea e intertextualidade" — recentemente defendida por José Geraldo Marques no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) — que investiga a inter-

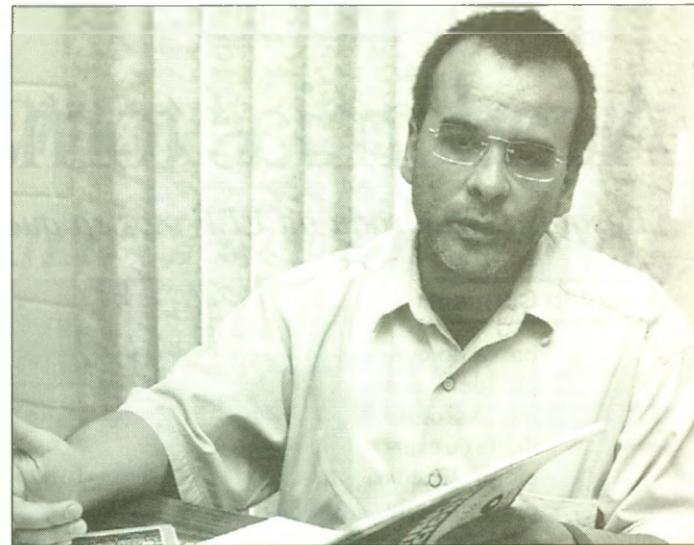
textualidade das redações de alunos da terceira série do 2º grau de uma escola da rede privada. O pesquisador define a intertextualidade como o diálogo marcado no texto quando a remissão a outros textos é explícita. Na proposta adotada por alguns vestibulares, o aluno trabalha com uma coletânea de textos ou trechos de autores da literatura. É a primeira proposta de redação.

O aluno organiza as idéias e trabalha obrigatoriamente com a coletânea a favor do seu projeto textual. "A intertextualidade é isso: significa trabalhar com informações e, por outro lado, com sua enciclopédia pessoal", explica o pesquisador. Ela se manifesta concretamente no texto em que o aluno utiliza alguns recursos lingüísticos, estabelecendo relações semânticas como paráfrases (reproduções de textos com as próprias palavras), cópias, citações (com aspas, sem aspas ou "citação zero" — quando não existe citação), resumos, resenha etc.

No texto escolar realizado em

sala de aula, esta prática pode ser dificultada por uma série de fatores oriundos das próprias condições de produção do vestibular (tempo exíguo, impossibilidade de relações dialógicas como a reescrita, discussão do tema ou reflexão mais prolongada, além do imperativo de aprovação ou boa classificação). Isso vai se somar a uma prática de ensino de língua portuguesa já equivocada, baseada em cópia, exercícios de metalinguagem da gramática e exercícios não significativos de interpretação de texto.

Proposta dissertativa — Na década de 80, as escolas de 2º grau passaram de classes "seriadas" a "integradas", funcionando como preparatórias para o vestibular. Por este motivo, o pesquisador baseou-se nas condições de produção do vestibular. Ele criticou a maneira irrefletida de professores que acatam esses modelos de exame e correção. Procurou interagir com a intertextualidade do trabalho dos alunos, avaliando os seus recursos



Marques: papel do docente como interlocutor

lingüísticos e a coerência e informatividade do texto.

"O professor tem que deixar de ser um corretor implacável de textos e se tornar gradativamente um interlocutor válido, isto é, um verdadeiro orientador", diz José Geraldo. "O educador precisa entender que nos exames vestibulares não há como estabelecer um diálogo direto com o texto. Entretanto, na escola isso cabe ao professor, a quem é legado o papel de ajudar a transpor a barreira da escrita."

Metodologia — José Geraldo, professor de redação há 15 anos, realizou a sua dissertação no Departamento de Lingüística Aplicada do IEL sob orientação da professora Raquel Salek Fiad. Ele adotou a metodologia de pesquisa

qualitativa, examinando seis redações de acordo com os critérios de intertextualidade, coerência e informatividade, através do método de paradigma indiciário. O método consiste na verificação da singularidade, e não regularidade, dos textos.

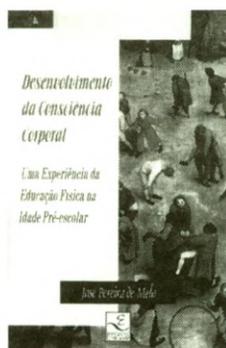
Análises anteriores discutiam apenas as regularidades, e em geral numa perspectiva desfavorável ao aluno. Segundo o pesquisador não é o aluno quem se equivoca na escolha dos recursos lingüísticos, mas sim na imagem que faz deles. A imagem então é que é equivocada. Assim, uma das funções do professor de redação deve ser a de interlocutor. "Mais do que avaliar o que o aluno disse, deve perceber o que ele quis dizer", adverte o pesquisador, para quem o vestibular ainda é a melhor forma de seleção.

lançam *ε*ntos



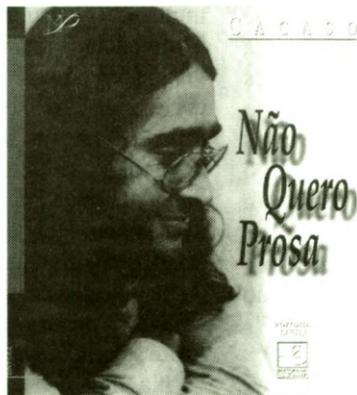
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO LAZER
Heloisa Turini Bruhns (Org.)

Ref.: 435
Coleção Livro-texto
21 x 28 cm
154 páginas
R\$ 21,50



DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CORPORAL
José Pereira de Melo

Ref.: 437
Série Pesquisas
14 x 21 cm
124 páginas
R\$ 11,40



NÃO QUERO PROSA
Cacaso

Ref.: 432
Coleção Matéria de Poesia
20 x 21 cm
336 páginas
R\$ 37,00



O URUGUAI E A FUNDAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA
Vania Pinheiro Chaves

Ref.: 439
Coleção Viagens da Voz
18 x 18,5 cm
438 páginas
R\$ 34,00

Para receber qualquer um destes lançamentos, preencha o cupom ao lado e remeta pelo correio para EDITORA DA UNICAMP - Campus Unicamp - Caixa Postal 6074 - CEP 13083-970 - Campinas - SP, juntamente com cheque nominal à Funcamp, cruzado, no valor do pedido.

Nome _____
Endereço _____ nº _____
Apto. _____ Bairro _____
CEP _____ Cidade _____
Estou enviando cheque em favor da Funcamp - Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, cruzado, no valor de R\$ _____ relativo à(s) obra(s) _____ referência _____

Data / / Assinatura _____



se este espaço não for suficiente para o seu pedido, use uma folha qualquer.

À venda nas melhores livrarias do País ou pelos telefones (019) 788.2170 e 788.2173 na Editora da Unicamp

Internet-<http://www.editoras.com/unicamp>



Roteiro de Oportunidades

Valise de Cronópio SEBO & BRECHÓ

Livros, Discos, CD's
Gibis, Roupas, Móveis

Av. Santa Isabel 246
Barão Geraldo
Fone 239-0028

Camp Chaves
Cópias de todos os modelos

CHAVEIRO

24 HORAS
Fone 239-0892

Rua Dr. José Anderson 435 - Próx. ao HC

Galeria Flamboyant
Loja 16

Wrangler
é na **MONTE**

Fone (019) 239-9684
Av. Albino J. B. Oliveira 830
Barão Geraldo

Moda
Feminina - Masculina
Íntima - Calçados

Tudo em 3x.
Av. Roxo Moreira 1790
Cidade Universitária
Ao lado da Reitoria
Tel. (019) 239-0999

Motta tem a chave pra deixar bem segura a sua casa e tudo que está lá dentro.

Os melhores planos de Seguro Residencial. Consulte.

MOTTA SEGUROS Orçamento com as melhores companhias do mercado
Fone/Fax (019) 239-4897

27 anos de habilitação profissional
AUTOMÓVEL RESIDÊNCIA EMPRESA VIDA SAÚDE CONDOMÍNIO
Galeria Flamboyant, loja 12 - Barão Geraldo

BUFFET UNIÃO 118 anos de Tradição

Salão Próprio, para até 2.000 pessoas
Orçamentos: (019) 231-5956 - 231-7815

Salão para Colação ou serviço completo em jantar ou coquetel de casamento, formatura, etc.
CONVITE, BECAS, FLORES, CANUDOS, SOM, FOTOS, FILMAGENS
Rua Abolição 1.580 - Ponte Preta - Campinas - Próx. ao Hiperm. Extra

loja FiscoP

PROMOÇÃO Shopiscinas
12 anos

Piscinas Vinil
SIBRAPE

Química hd
até 8 x Iguais

MARK
Filtros Bombas

Grátis
Clorador + Timer
INSTALADO

promoção p/ piscinas instaladas e equipadas
validade: até 30/10/97

Shopiscinas (019) 254.3208
R. Bento de A. Camargo, 300
Campinas-SP

Serviço Completo ou Venda a Varejo

Orçamento sem compromisso Ligue para (019) 239-0404

Mais qualidade em toda a variedade de carnes para tornar o seu churrasco mais gostoso.

ESPETINHOS CAMPINAS

R. Maria Ferreira Antunes 133 (cruza a estrada da Rhodia na altura do nº 2.000)

COMEMORAÇÕES - FORMATURAS - CASAMENTOS

INFORMÁTICA CARUSO TecNisys

PENTIUM 133 MHZ 1.190,00

PENTIUM 200 MHZ/MMX 1.390,00

FAX MODEN 56000 250,00

FOTO ILUSTRATIVA

Loja 1 - R. Luíza de Gusmão 477
V. Nogueira - Campinas - F. (019) 255-1170
Loja 2 - Av. Dr. Romeu Tórtima 413
Barão Geraldo - Campinas
Telefax: (019) 239-2734

Prato Bello

Self Service por quilo: Almoço, Tortas, Sorvete
Salgados para festas

Servimos Coffee Break no seu evento

R. Roxo Moreira 1830 Cidade Universitária
A 50 m da Reitoria Fone (019) 239-0084

PROMOÇÃO FOME DE LEÃO.
TODOS OS TIPOS
PREÇO ÚNICO
R\$ 12,90
+ TAXA DE ENTREGA

Pizza Fiori
FORNO A LENHA
239-3514

Fotos p/ documentos em 5 minutos
Revelação Kodak Filmes

Fone (019) 239-0991

FOTOCAMP
R. Dr. José Anderson 435-A
(ao lado do Banco Real)

Imobiliária Cidade Universitária

LOCAÇÃO - VENDAS - ADMINISTRAÇÃO

Av. Dr. Romeu Tórtima 624 - Telefax: 239-3322
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas

ENY PRESENTES & NOVIDADES

R. Dr. José Anderson 644
Quiosque em frente do Banco Real
Cidade Universitária

CONVÊNIO UNICAMP

Você entrega/retira os filmes no STU às 2as., 4as. e 6as.
Revelação com qualidade e cores profissionais, sem pagar mais por isso: filme 12 - R\$ 4,75; 24 - R\$ 8,59; 36 - R\$ 12,43.

FOTO FERRARI

Conheça nossas lojas no Convívio e Shopping Unimart. Excelentes promoções e facilidades de pagamento.

Os melhores produtos e a Revelação 1 Hora
Fone (019) 231-5877



BLOCOS de concreto

Fale com a **CIMBAC**
Av. Santa Isabel 737
Barão Geraldo
(019) 239-3876

FiscoP Cooperativa de Cestas de Alimentos
CESTA BÁSICA

Convênio S.A.S. para desconto em folha, ou cheque pré

•CESTA BÁSICA DE ALIMENTOS
•KITS DE ALIMENTOS (ex.: frios, legumes)
•KIT HIGIENE PESSOAL
•KIT LIMPEZA • ou venda avulsa

Informações, encomendas ou entrega, fone 239-1533
R. Dr. José Anderson, 435
AO LADO DO BANCO REAL

Prof. Vivaldo Braga
Aperfeiçoado em técnica vocal na Itália (documento comprovante)

CANTO
LÍRICO, EVANGÉLICO, CATÓLICO, POPULAR
De 8 a 35 anos.
Fone (019) 230-3536

Tudo em CD-Rom

GENIO Multimídia
A mais completa loja de CD-Rom's de Campinas
Fone (019) 239-2855
Galeria Flamboyant, piso superior - Barão Geraldo

La Vilette A MODA TOTAL
Feliz Dia da Criança

Fone 239-0091
Galeria Flamboyant
Piso térreo - B. Geraldo

COMPORTAMENTO

Carapintada define geração dos anos 90

Mídia transforma marcas no rosto em ícone de identificação do jovem do fim do século

Maristela Tesseroli Sano

Elas frequentavam os shoppings-centers, eram alucinadas por hamburger, bebiam Coca-Cola e adoravam vestir um modelito da grife da moda. Nem por isso deixaram de engajar-se numa causa política quando o momento exigiu. Essa imagem, construída pela mídia em 1992 sobre os estudantes de rosto pintado que saíram às ruas para reivindicar o *impeachment* do então presidente Fernando Collor, definiu uma geração.

A jornalista e antropóloga Vera Marisa de Souza Rodrigues analisou uma série de reportagens veiculadas em 1992 por jornais, revistas e emissoras de tevê paulistas enfocando os jovens carapintados. Os resultados do trabalho da pesquisa de Vera estão na dissertação de mestrado "Carapintadas: estudantes na festa e na política", que teve orientação do professor Antonio Augusto Arantes, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp.

Segundo ela, as marcas no rosto foram transformadas pelos órgãos de imprensa em ícone de identificação de um personagem, o carapintada, síntese do jovem da década de 90 capaz de conciliar alegria, consumismo e engajamento político. "Graças



Jovens pintam o rosto e reivindicam impeachment de Collor: engajamento político

à generalização dos órgãos de imprensa, o jovem dos anos 90 é visto como alguém que colaborou para a transformação política do país sem deixar de lado seus ideais consumistas e a alegria inerente à juventude", atesta Vera.

Festa na política — Ao analisar as reportagens sobre o movimento estudantil de 92 veiculadas pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *Diário Popular* e *O Estado de S. Paulo*, pelas revistas *Veja* e *Isto É*

e pela *TV Cultura*, Vera notou que as abordagens jornalísticas em todos os veículos eram muito semelhantes. A contraposição entre a atitude crítica e a festa em que se transformavam as passeatas foi tema constante na grande maioria das reportagens veiculadas.

Outro ponto comum constatado pela jornalista nas matérias foi o tratamento diferenciado dispensado pela mídia àquele movimento. Apesar de também ter dado ênfase ao aspecto festivo das manifestações estudantis de 1984,

durante a campanha por eleições diretas, pela primeira vez na história a imprensa "personificou" uma marca estética que definia o comportamento de toda a juventude brasileira.

"Alguns veículos chegaram até a publicar cartilhas ensinando a ser um carapintada. Essas publicações eram verdadeiros manuais que atribuíam ao jovem o título de 'novo rebelde' e estabeleciam comportamentos padronizados entre a juventude", lembra Vera.



Foto: Nerivelton Araújo/Correio Popular

A jornalista e antropóloga Vera Rodrigues: análise da abordagem do fenômeno pela imprensa

Segundo a antropóloga, a imagem construída pela mídia foi tão forte e intensa que, até hoje, em qualquer tipo de manifestação, os jovens se esforçam por resgatar o carapintada e, como a mídia enfatizou o discurso de que o jovem politizado dos anos 90 é aquele de rosto colorido, essa imagem continua a povoar folhetos institucionais, campanhas mercadológicas ou qualquer tipo de material que pretenda associar o jovem ao engajamento político e social.

EDUCAÇÃO

Professor avalia acertos e equívocos da escola-padrão

Projeto nasce e se extingue no mesmo governo que o instituiu

Antônio Roberto Fava

O analfabetismo entre a população com mais de 15 anos caiu de 20,1%, em 1991, para 17,2%, em 1994. A redução desses índices pode ser consequência do Projeto de Escola-Padrão criado há seis anos pela Secretaria de Educação do Estado, cujo principal objetivo era elevar a qualidade do ensino de 1º e 2º graus de escolas da rede, de forma a reduzir dois problemas que mais preocupavam governo e educadores: repetência e evasão escolar.

Em sua tese de doutorado, "Escola-padrão: acertos e equívocos de uma política educacional", o professor Waldemar Marques, do Departamento de Educação da UFSCar, avalia os resultados, positivos ou não, do projeto que acabou agonizando em 1994 ainda no governo que o instituiu — gestão do governador Luiz Antonio Fleury Filho. Segundo ele, de um total de seis mil estabelecimentos de ensino da rede espalhados pelas cidades do Estado de São Paulo, o projeto foi instalado em 1.624.

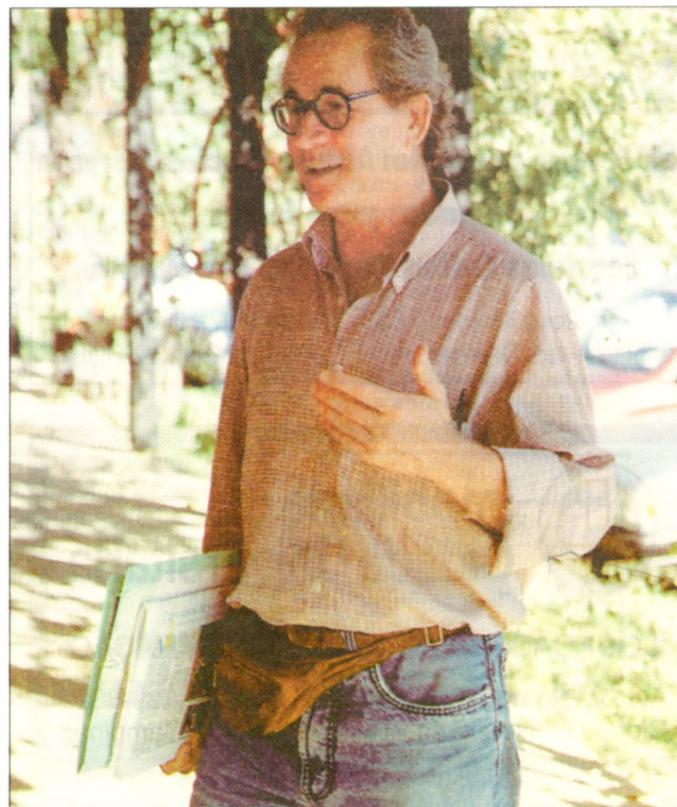
A tese — orientada pelo pro-

fessor José Dias Sobrinho, da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp — mostra que além de tentar melhorar seu padrão de qualidade o projeto visava transformar a escola pública num estabelecimento autônomo, independente da sua infra-estrutura convencional, e administrado por um órgão próprio formado por pessoas ligadas ao estabelecimento e de pais de alunos, tornando-a capaz de ser gerida sem a interferência do Estado. A escola teria um caixa-custeio mantido com dinheiro proveniente do Estado. Esses recursos seriam destinados exclusivamente a prover as necessidades da escola, como aquisição de material permanente, para fins pedagógicos, material de limpeza e outras despesas necessárias à realização dos projetos propostos pelo estabelecimento.

Buscava-se, com isso, recuperar para a escola pública uma condição melhor de funcionamento, provendo-a de uma estrutura de pessoas condizente com as necessidades do estabelecimento, "incluindo-se aí os coordenadores pedagógicos, coordenadores de curso noturno e de área", afirma o pesquisador. O projeto destacou as experiências com as denominadas HTP (Horas de Trabalho Pedagógico), que possibilitavam aos pro-

fessores, além das horas trabalhadas, receber por mais seis horas semanais dedicadas ao estudo de questões pedagógicas e ao trabalho cotidiano com os alunos. "Tudo indica que sem esse tipo de procedimento dificilmente ocorreria a renovação da escola pública, persistiria o isolamento dos professores, e se inviabilizaria a construção do projeto coletivo e de autonomia da escola. Nesse sentido, a escola-padrão significou considerável melhora de qualidade no ensino", explica Marques.

Extinção — No entanto, uma série de fatores foi determinante para que o projeto de escola-padrão não atingisse sua proposta inicial. Por exemplo, a queda acentuada dos salários — iniciada no governo de Paulo Maluf, na década de 70 — desmotivou os professores da rede pública de ensino, criando profissionais despreparados e, em consequência, acabou por produzir um ensino de má qualidade. Por outro lado, a tímida atuação da Secretaria de Educação, especialmente no que se refere às novas funções de coordenação, treinamento de diretores e de coordenadores que iriam atuar nas escolas-padrão, foi outro fator que muito contribuiu para que esse pro-



Waldemar Marques: projeto não atingiu proposta inicial

projeto não vingasse.

A tese de Marques mostra ainda que havia, dentro do próprio governo, a falta de articulação no trabalho desenvolvido pela Secretaria de Educação, através de seus diferentes órgãos, o que, aliado a um equivocado processo de avaliação, foi neutralizando progressivamente a possibilidade de se introduzir novas mudanças nas escolas. Havia grupos de opiniões e pontos de vista antagônicos quanto à eficiência ou não da escola-padrão, grupos que diziam tratar-se de um projeto extremamente dispendioso e que, por

isso, não daria bons resultados. "Aí então o projeto começou a se deteriorar, resultando na sua definitiva extinção", avalia Marques. Ainda que tênue, as escolas-padrão alcançaram algum resultado. "É razoável supor que, caso persistisse a estrutura de escola-padrão, com bons programas de aperfeiçoamento de pessoal, sobretudo nas recentes funções de coordenação, haveria resultados positivos e duradouros na melhoria da escola pública. As mudanças na área da educação não ocorrem rapidamente", avalia o pesquisador.